

Revolução e contrarrevolução: dois conceitos a serem reformulados | anexo: Manifesto do *Capitalexit*¹

Jean Sève²

Tradução: Paulo Alves de Lima Filho³

312

Resumo

O texto apresenta uma nova definição de revolução a partir da crítica às formas teóricas vulgares de conceber uma revolução. Neste sentido, ampara-se sobre concreções comunistas nas instituições francesas e outras formas cooperadas de concreções comunistas na sociedade francesa. Propondo uma nova forma de enfrentar os desafios da práxis revolucionária nos polos de vanguarda do capitalismo.

Palavras-chave: comunismo; capitalexit; revolução.

Resumen

El texto presenta una nueva definición de revolución basada en la crítica de las formas teóricas vulgares de concebir una revolución. En este sentido, se basa en concreciones comunistas en las instituciones francesas y otras formas cooperativas de concreciones comunistas en la sociedad francesa. Propone una nueva forma de afrontar los desafíos de la praxis revolucionaria en los polos de vanguardia del capitalismo.

Palabras clave: comunismo; capitalexit; revolución.

Abstract

The text presents a new definition of revolution based on the critique of the vulgar theoretical ways of conceiving a revolution. In this sense, it is based on communist concretions in French institutions and other cooperative forms of communist concretions in French society. It proposes a new way of facing the challenges of revolutionary praxis at the vanguard poles of capitalism.

Keywords: communism; capitalexit; revolution.

¹ Este Ensaio inédito foi recebido em francês, por e-mail, pelo Professor Paulo Alves de Lima Filho em suas comunicações com o Professor Jean Sève. O texto é complementado com o anexo do Manifesto do *Capitalexit*, disponível em: <https://capitalexit.org/>.

² Fundação Gabriel Péri – Paris - França | jean.seve@orange.fr

³ Doutor em Ciência Política pela PUC-SP e mestre em Economia pela Universidade da Amizade dos Povos “Patrice Lumumba” – URSS. Coordenador Geral do IBEC.



Introdução

Muito comumente, em particular na França, a “revolução” é analisada e, portanto, entendida e esperada como um evento pontual, mais ou menos violento, realizado em benefício de um equilíbrio de poder em um momento favorável, correspondendo a uma *janela histórica*, provocando, assim, uma mudança política mais ou menos radical na cúpula do Estado. A revolução está quase sempre... *por vir*, abrindo-se para um “amanhã brilhante”. Desde as primeiras conquistas “democráticas”, com a conquista do sufrágio universal mais ou menos amplo, essa “*noite de gala*” pode significar uma vitória eleitoral e acaba se identificando com ela hoje, com a generalização do sufrágio universal. No entanto, falamos, com a mesma frequência, de “revolução feminista”, uma expressão que claramente vai contra essa aceitação atual.

Na verdade, se nos limitarmos à única história francesa das chamadas “revoluções”, “burguesas” assim como “proletárias” (a Revolução Francesa iniciada em 14 de julho de 1789, a segunda revolução de 10 de agosto de 1792 que derrubou a monarquia e promoveu a primeira República Francesa, a revolução de 1830 que, pelos três anos gloriosos, mais uma vez derrubou a monarquia para fundar uma monarquia parlamentar (a “monarquia de julho”), a revolução de 1848 que levou ao nascimento da Segunda República, a Comuna de Paris de março-maio de 1871, a vitória da Frente Popular de maio de 1936, a insurreição armada da Resistência em 1944-1945 e a Libertação, os dias de maio-junho de 1968, a vitória da esquerda em maio de 1981, até mesmo a de outubro de 1917, a segunda revolução russa, com suas ricas repercussões na França), e se compararmos esta história com as grandes conquistas sociais, podemos legitimamente cultivar este evento impulsionado e fundamentalmente político da revolução. Mas, com isso, vislumbra-se, no fundo, uma “revolução” *pelo alto*, que muito diz sobre o objetivo e a estratégia perseguida. Mas, deveríamos nos surpreender nas sociedades de classes onde o poder, aparentemente, está intimamente ligado ao aparelho do Estado, uma ferramenta de dominação da classe que possui os meios de produção e troca. É profunda a ilusão de uma conquista do poder político, sem dominar o aparelho produtivo (ou mesmo controlando-o parcialmente após as nacionalizações, o que acaba não mudando muito), possuir as chaves da revolução. Deste ponto de vista, esta concepção de revolução está intimamente ligada a uma sociedade dividida em classes, e mesmo, ao forçar a linha, pode ser qualificada como uma



concepção "burguesa" de ruptura com a ordem dominante, na medida em que o estrangulamento do estado permitiria o estabelecimento de uma ditadura do proletariado. Nós tomaríamos o poder tal como a burguesia o fez em várias ocasiões na França.

Mas é claro que, sancionados pelos repetidos fracassos desses "golpes de força", dessas tomadas de poder nunca tomadas, no sentido de que, em lugar nenhum, não permitiram a *saída efetiva das sociedades de classe*, nunca transferindo o poder real para os trabalhadores, esta "revolução pelo alto" está hoje claramente desqualificada (a não ser para ser a última fase, certamente necessária, de um processo revolucionário que atingiu a maturidade, transmutando o fim em forma simples). Nunca nos esqueçamos de que a Revolução Francesa foi fruto de vários séculos de desenvolvimento das relações comerciais dentro da monarquia francesa e que a análise poderia ser ampliada para muitas outras "rupturas" importantes na história de uma formação social. Nunca são mais do que a conclusão de um longo processo preliminar de amadurecimento dos antagonismos de uma dada formação social. Como Marx já analisou em 1852, analisando o fracasso da revolução de 1848, um "*coup de main*" que temporariamente arrancou avanços democráticos, mas aniquilado pelo "*coup de tête*" de dezembro de 1851 (golpe de estado de Louis-Napoleão Bonaparte que levou à fundação do Segundo Império), "*a sociedade parece agora ter voltado abaixo do seu ponto de partida; na verdade, deve começar por criar o seu ponto de partida revolucionário, isto é, a situação, as relações, as condições que, por si só, permitem seriamente uma revolução moderna*"⁴. De certa forma, aqui tudo está dito. A "situação" refere-se a todos os pressupostos necessários antes que uma revolução seja simplesmente possível, começando com as relações (irei insistir nisso longamente) que se referem às relações sociais revolucionárias possibilitadas pelo surgimento das forças produtivas, competindo com as relações dominantes, e as condições referem-se a circunstâncias precisas, à janela histórica que abre possibilidades.

Defenderei aqui a tese segundo a qual essa concepção fundamentalmente política e orientada pelos acontecimentos da "revolução" está hoje claramente datada e historicamente desatualizada. Vou propor uma hipótese: a revolução que visa passar a uma sociedade não apenas pós capitalista, mas sobretudo "pós-classista" deve necessariamente ser feita à

⁴ Vide *O dezoito Brumário de Luis Bonaparte*. Editions Sociales, 1984, p. 73.



imagem desta última. Deve renunciar o que será a sociedade ainda não nascida. Em outras palavras, o "proletariado operário e camponês", que hoje se tornou um grupo de trabalhadores ultra dominante e assimilado, mais ou menos altamente qualificado, com a condição de imperativamente tomar consciência de si mesmo, não pode derrubar a ordem social *primeiramente* apenas reapropriando-se dos meios de produção e de troca (para a sua *comunização*), sem necessariamente passar pelo estado "burguês", que está fadado a desaparecer como tal. A destruição-reconstrução do poder do Estado é um passo fundamental na construção de uma sociedade pós capitalista. Isso explicaria fundamentalmente o fracasso recorrente do "socialismo planejado" soviético, maoísta ou castrista, que nunca realmente teve esse objetivo, obcecado, por causa dos atrasos do desenvolvimento inicial, por sua simples sobrevivência em um ambiente imperialista hostil e focado, por boas razões, sem dúvida, no desenvolvimento de suas forças produtivas.

Devemos, portanto, repensar profundamente o conceito de revolução, dialetizando-o, e admitir que a revolução é fundamentalmente e antes de tudo um processo muito mais complexo (o que remete à definição de comunismo de Marx: *"O comunismo não é para nós nem um estado que deve ser criado, nem um ideal sobre o qual a realidade terá que ser regulada. Chamamos de comunismo o movimento real que abole o estado atual. As condições desse movimento resultam das premissas atualmente existentes ..."*, que se inscreve no longo prazo, que põe em jogo forças revolucionárias e contrarrevolucionárias contraditórias (luta de classes), fonte de saltos qualitativos que conduzem a ultrapassagens revolucionárias, nunca realmente adquiridas definitivamente, mas, no final, cumulativas, das quais podemos extrair o que foram ou serão momentos-chave amanhã. Em outras palavras, qualquer revolução é uma jornada longa e muito complexa, sempre observável no presente e com futuros e flashbacks. Além de conceber a revolução como um todo em evolução, ela também deve ser analisada como uma soma de *rupturas* quantitativas e qualitativas, das quais darei exemplos a seguir. É assim que as relações sociais, tanto quanto as forças produtivas, evoluem continuamente dentro de uma formação social. Nesse sentido, qualquer contrarrevolução deve ser analisada da mesma forma, como sendo portadora de regressões ou obstáculos à revolução em andamento.



Repensando a revolução

Aqui, eu pegaria o caso clássico da França no primeiro quarto do século XXI, que pode ser extrapolado, *mutatis mutandis*, para muitos países capitalistas desenvolvidos.

Esta França contemporânea está mergulhada, por muitos anos, senão décadas, na crise interminável de um capitalismo enfim ultraliberal, forjado por suas próprias contradições. Aqui temos claramente as “condições” favoráveis acima mencionadas por Marx. Para além das deslocalizações industriais, o controle do CAC 40⁵ pelo capital apátrida, a desindustrialização aliada à metropolização, ambas destrutivas (para todos os chamados espaços marginais), símbolos tangíveis de uma desclassificação dos nossos territórios numa economia globalizada, de uma corrida *macroniana* precipitada para uma ilusória *nação start-up*, podemos distinguir claramente três antagonismos essenciais que são particularmente visíveis em nosso território e que certamente afetam a França atual tanto quanto o resto do planeta (em vários graus): *de uma atual extremamente avançada socialização da produção de bens e serviços* (em última análise, referindo-se ao crescente fosso entre as forças produtivas e as relações sociais dominantes) que abre o caminho para a possível saída do capitalismo, tornando a gestão da economia pelo setor privado totalmente contraproducente, o da *degradação acelerada de nosso meio ambiente* a ponto de colocar em perigo menos o planeta do que toda a humanidade, um desastre portanto tanto ambiental como antropológico, o da pauperização acelerada de nossos concidadãos diante das piores dificuldades enquanto todo o capitalismo se baseia fundamentalmente no consumo, condição para a realização do valor contido na mercadoria. Cada uma dessas contradições, em seu nível, em última análise, condena o capitalismo e torna necessária uma revolução.

Para ilustrar apenas a primeira de suas contradições, tomarei, de forma muito arbitrária, o exemplo do dinheiro. No passado, o poder de emitir dinheiro era um poder soberano supremo. Foi, sempre com referência apenas à história francesa, Napoleão I que criou o “franco germinal” em 1803 e é o Banque de France que o controla, portanto, os bancos privados e o Estado francês, *in fine*. O poder de criar dinheiro é então nacional e

⁵ CAC 40, denominação derivada da expressão *Cotation Assistée en Continu* (Listagem assistida contínua), é um índice da Bolsa de Valores que reúne as 40 maiores empresas cotadas em França.



estadual. Mas com o euro, esse poder é transferido para o Banco Central Europeu (BCE), com fama de ser independente dos poderes políticos, o primeiro passo dessa "socialização". Mas, na realidade, hoje, são os bancos que criam dinheiro concedendo empréstimos e comprando títulos. Estes últimos devem constantemente se refinar com o BCE, que compra esses títulos deles, ajudando assim, em última instância, a criar essa moeda alimentadora. Mas pode-se perguntar, seguindo J. Coupepy-Soubéran⁶, se esses bancos ainda são e sempre são soberanos na criação monetária contemporânea. "O verdadeiro soberano monetário hoje são as finanças", nomeadamente os inúmeros fundos de investimento, fundos de pensões e outros semelhantes. Este processo paradoxal de "socialização" do dinheiro também é estendido pelo surgimento de tais criptomoedas problemáticas, mas também pela proliferação de moedas alternativas de solidariedade (chamadas de moedas locais) que, em princípio, rejeitam Estados, bancos e, portanto, as alienações que eles representam. Vemos em toda parte projetos florescentes de reapropriação de dinheiro pela "sociedade". Por mais surpreendente que possa parecer, o capitalismo ultra liberalizado e globalizado mantém, como Marx e Lenin em seu rastro já indicaram, um processo de socialização claramente preparatório (e condição necessária) para uma revolução pós capitalista.

Mas, para haver revolução, deve haver uma classe revolucionária! No entanto, se claramente não há mais, na França, a consciência desses longos períodos de tempo, nem de uma verdadeiras *consciências de classe* (em particular e entre outras por causa das devastações do individualismo, dos "corporativismos", do sucesso da política do capital na individualização das carreiras, da explosão da precarização e do desemprego, mas também do dramático desaparecimento de uma alternativa clara "à esquerda") senão de uma burguesia globalizada (que tem inteligência e tenacidade na condução das reformas e que provisoriamente "venceu a luta de classes", claro, segundo a famosa frase de Warren Buffett) e que os Pinçon-Charlot⁷ tão claramente demonstrou. Mas será que existe, pelo menos, a existência

⁶ Vide Jézabel Coupepy-Soubeyran, *Quem é o verdadeiro soberano monetário?* Le Monde, 28 de junho de 2021.

⁷ Monique Pinçon-Charlot, nascida Monique Charlot em 15 de maio de 1946 em Saint-Étienne², é uma socióloga francesa. Foi diretora de pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), vinculado ao Instituto de Pesquisa em Sociedades Contemporâneas (IRESCO) da Universidade de Paris-VIII, até sua aposentadoria em 2007.



comprovada de uma *classe em si*, potencialmente revolucionária, face a esta hiperburguesia segura dos seus interesses, senão da sua finalidade? E se sim, qual? Para esta questão essencial, se validarmos os três principais antagonismos identificados acima, a socialização extremamente avançada de nossos sistemas produtivos traça os contornos de uma "*classe assalariada*" em sentido amplo, numericamente majoritária e muito amplamente e, de fato, interdependente, que 'podemos e devemos, em minha opinião, estender a todos os trabalhadores independentes, artesãos, agricultores, microempresários mais ou menos totalmente reféns do "mercado", cujo trabalho socializado e globalizado cria solidariedades de facto, cativos de escolhas devastadoras e objetivos impostos pelo capital. Além disso, a destruição de nosso planeta traça os contornos transclassistas de uma população mundial, ligada pela questão de sua simples sobrevivência, expressão objetivada do *gênero humano*, consciente de si mesmo e de seus fins (sua sobrevivência e a do planeta). Por fim, a pauperização extrema, certamente circunscrita social e geograficamente (enquanto os chineses estão vendo seu padrão de vida mudar substancialmente), não apenas limitada à sua dimensão financeira (crescente restrição dos direitos democráticos, vigilância generalizada, extrema precarização de existências, explosão de doenças de longa duração, ligadas ao estilo de vida e ao trabalho, miséria cultural, etc.) também se referem a uma potencial *classe de despossuídos*. Enfim, sem ter aqui a possibilidade de desenvolver toda uma argumentação, o proletariado histórico, hoje majoritário, assalariado, tende (e deve) afirmar-se não só como classe, mas como "*gênero humano*", unida, de fato, pelo trabalho socializado e globalizado, pela obrigação de enfrentar juntos as consequências cataclísmicas do aquecimento climático e detê-lo sob pena de uma catástrofe final, e pelos constrangimentos dramáticos de sociedades cada vez mais precarizadas, ameaçadas por uma grande crise antropológica, paradoxalmente geradora de solidariedades locais mais ou menos circunscritas. Mas, por isso, é necessário conduzir um processo revolucionário bem-sucedido que, somente ele, será capaz de acabar com o capitalismo.

Certamente há um longo caminho a percorrer mais além das palavras! Não estou afirmando que esta classe em si esteja perto de tomar consciência e que forma, além das fronteiras, uma só e mesma classe, uma potencial expressão objetivada da humanidade, capaz de mandar o capital e todos os seus servos de volta às cordas, e tomar em mãos o seu próprio destino. Mas, de fato, podemos ver claramente, aqui e ali, essa consciência de classe /



gênero, mais ou menos indiretamente, afirmando-se e, o que me parece ser uma de suas principais manifestações, suscitando a construção de novas relações sociais. Por mais impensável que possa parecer, as condições para uma revolução pós capitalista, seus pressupostos, estão se acumulando diante de nossos olhos e mal os vemos!

Uma revolução em marcha

Está em curso um processo revolucionário, muito presente, mas invisível, ou melhor, e a menos que esteja enganado, não visto. É verdade que na França, em particular, os "desinfos"⁸ dominantes fazem de tudo para escondê-lo ⁸(mas serão eles mesmo capazes de analisá-lo?). Mas do que estamos, de fato, falando aqui?

Aqui desenvolverei a tese segundo a qual as relações pós capitalistas se desenvolvem, particularmente na França, mas em todo o mundo, algumas já velhas e ainda lá e outras novas, fruto de *rupturas qualitativas* nas relações sociais dominantes, constituindo assim os primeiros contornos objetivados de uma formação social revolucionária pós capitalista. Aquilo que chamei, em livro de 2006, de *futuros presentes*, alicerces de uma revolução que já está aí.

Como demarcá-los, como identificá-los? Começarei aqui pelo que Lucien Sève, em seu volume IV, "Le communisme"⁹, Após uma luminosa análise de textos marxistas, estabeleceu, a saber, que os critérios essenciais do *comunismo* no pensamento de Marx eram a apropriação dos meios de produção pelos produtores diretos, o perecimento do Estado e o livre desenvolvimento de cada indivíduo. Com isso, postulo que *todo processo* em que esteja ausente qualquer forma de apropriação privada e onde, ao contrário, haja uma apropriação coletiva pelos trabalhadores de seus meios de produção ou troca, onde qualquer forma de exploração do trabalho está proscrita para dar lugar a uma solidariedade e cooperação entre "trabalhadores" livres e iguais em direitos, visando a utilidade comum, o valor de uso e não o valor de troca (que evidencia o caráter desalienado do trabalho), o bem comum, sem submissão ao Estado, constitui, a meu ver, o que chamarei de "*concreção comunista*". Ali emergiria um processo por meio

⁸ Referência aos *meios de desinformação*.

⁹ Sève, Lucien "*Le communisme*". *Première partie*? Paris, La Dispute, 2019.



do qual relações essencialmente pós capitalistas se desenvolveriam objetivamente.

Um deles é conhecido e brilhantemente destacado por Bernard Friot¹⁰, que é a *Previdência Social*. Através do seu trabalho (que fica fundamentalmente alienado), todos contribuem, inclusive o patrão (que não irá para o acionista, pois a contribuição é deduzida antes de qualquer apropriação pelo capital), de forma fundamentalmente solidária, para financiar um seguro social sistema, o que implica a aceitação de um salário generalizado juntamente com a distribuição de um excedente que acaba por ser em tal crise, como durante a atual pandemia, vital. Estamos claramente numa "concreção" comunista, dentro de uma sociedade capitalista ultraliberalizada, fruto, como todos sabem, de uma conquista histórica excepcional num contexto igualmente excepcional, uma rara janela histórica mas tão decisiva aqui., a da Libertação do território francês em 1945, concebida e realizada por uma "Resistência" politicamente avançada. Como resultado, temos, em substância, um processo claramente pós capitalista, uma ruptura, que se origina no século XIX (com os primeiros mutuários), que continua com as primeiras pensões na França para servidores públicos e uma ruptura decisiva com a criação deste sistema de proteção social em 1945. Inaceitável para os patronato, o capital e todos os governos de direita e de esquerda, tentaremos então voltar, com algum sucesso, a essa conquista, de fato hoje. 'agora seriamente ameaçado. A contrarrevolução está operando.

Aqui dificilmente podemos confundir o que chamamos de *communs*, já que se trata de *relações*, essencialmente pós capitalistas, e não de "coisas" administradas em comum. Não nos deparamos aqui com uma relação entre "coisas" e os homens, um "comum", mas com relações entre os próprios homens. E, surpreendentemente, essas relações estão no cerne de uma economia de mercado capitalista. Como mostra Bernard Friot, esses relatórios revolucionários deveriam ser colocados, na França, em um extenso processo histórico (primeiro tínhamos, simplificando, pensões, abonos de família, depois o seguro-desemprego, estendidos aos funcionários e administradores aos poucos a todos os empregados), um processo que tem demonstrado amplamente a sua superioridade sobre todos os outros sistemas (em particular os beveridgianos "anglo-saxões", com base em impostos ou capitalização).

¹⁰ Friot, Bernard *Poderes do trabalho assalariado*, Paris, La Dispute, nova edição, 2012.



Mas a maioria das relações pós capitalistas está localizada, logicamente, à margem do capitalismo e raramente dentro dele. No entanto, podemos constatar, sem podermos detalhar aqui estes pontos, a existência, novamente na França, de um *Serviço público* que prenuncia o que poderia ser um salário vitalício, com emprego garantido, prorrogado pela pensão de aposentadoria, financiado por consórcios de trabalho. Ou ainda, tema vasto, o processo de socialização do trabalho no seio das empresas transnacionais, estendido por uma conexão planetária de populações pelos GAFA¹¹ na forma de redes sociais, que, também eles, em muitos aspectos, embora em de uma forma muito contraditória são, tanto quanto, pressupostos positivos para uma revolução pós capitalista.

Que exemplos podemos dar dessas relações intersticiais, essencialmente pós capitalistas, à margem da sociedade capitalista? A multifacetada iniciativa de cidadania que se manifesta cotidianamente através do associativismo (cujo 120º aniversário acaba de se celebrar na França em 1º de julho de 2021), e mais particularmente através da chamada economia social e solidária, apesar das muitas reservas que lhes foram feitas em parte com razão. Claro, essas iniciativas são na maioria das vezes fortemente dependentes de financiamento estatal ou paraestatal (mas como seria de outra forma?) e inseridas em um mercado altamente competitivo, um ambiente que não poderia ser mais hostil. Pior, essas atividades estão mais ou menos ameaçadas de serem corrompidas pela lógica do mercado e, portanto, potencialmente recuperáveis pelo capital. No entanto, nesse imenso conjunto que é a ESS¹², vemos o surgimento dos personagens citados acima. Por um lado, a iniciativa é dos cidadãos, responsabilizados, libertos da infantilização e da alienação generalizada, vivendo do próprio trabalho e, portanto, de um salário que eles próprios pagam, podendo contar com financiamento solidário, com base em perícia própria, qualificada ou qualificadora, autônoma, buscando a utilidade comum e, portanto, um objetivo geral de eficiência excluindo inicialmente a finalidade capitalista (rentabilidade do investimento), associando sócios estritamente iguais,

¹¹ Outros países já iniciaram o processo legislativo para tributar os gigantes digitais, mas a França é "a mais avançada", com a adoção nesta quinta-feira (17/07/2019) por seu parlamento de um imposto Gafa, segundo a OCDE. "Se a França for até o fim e entrar em vigor antes de 2020, será o primeiro país a implantar um imposto Gafa (sigla para gigantes Google, Amazon, Facebook, Apple) ", afirma a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para a AFP.

¹² ESS – Economia Social e Solidaria, in <https://ess-france.org/fr/ess-france>



excluída, por princípio, de qualquer exploração por um chefe onipotente. Mesmo que esse "modelo" raramente tenha tanto sucesso, ele indubitavelmente constitui a expressão dessas possibilidades pós capitalistas, radicalmente não utópicas.

Podemos citar também, na mesma linha, comunidades de pesquisadores assim como a dos consumidores, ou de diversas e variadas vítimas que pretendem modificar o existente, praticando o compartilhamento do conhecimento, o intercâmbio em todas as suas formas de pessoa a pessoa, incontáveis iniciativas coletivas para proteger, limpar e regenerar nosso meio ambiente, o imenso processo que visa libertar as mulheres da opressão patriarcal, ou o movimento LGBT para se libertar de mentalidades e legislações retrógradas, esforços seculares para ajudar os mais necessitados, reintegrando-os e constituindo as cooperativas hoje extremamente diversificadas de produção e consumo, que remetem ao movimento consumista e cooperativo, do espetacular e multifacetado desenvolvimento de uma cultura popular compartilhada, gratuita ou mal remunerada (por exemplo, a *Wikipedia*), práticas esportivas envolvendo trocas livres de qualquer propósito mercantil, mas com o objetivo de realização e bem-estar físico, a renovação das práticas democráticas, apesar dos imensos obstáculos representados pelos poderes do dinheiro.

Como podemos constatar, a multiplicidade destas iniciativas, reconhecidamente muito desiguais e muito diferentes umas das outras, é sobretudo fruto de indivíduos que começaram a dar-se conta do seu poder coletivo, dos seus inegáveis saberes e habilidades, renovando de cima abaixo os objetivos para iniciar a reconstrução de um mundo livre da apropriação privada e da competição generalizada. Estes constituem, portanto, os pontos de apoio para transformar essas *concreções comunistas* (para alguma delas) em pressuposto de todo o sistema.

A contrarrevolução

Sim, mas... a "contrarrevolução" acaba por ser tão dinâmica e deve ser analisada da mesma forma, como um processo que envolve inúmeras mudanças, quantitativas e / ou qualitativas, estas últimas dando origem a rupturas mais ou menos gravemente retrógradas. Aqui, seus "atores" não são mais indivíduos ou grupos de indivíduos mais ou menos isolados, mais ou menos cientes dos fins gerais, mas esta *hiperburguesia*, ultraminoritária (menos de 1% da sociedade), aparentemente ultrapoderosa, dona, através



das participações patrimoniais, do coração das nossas economias e que no seu rastro envolve um vasto grupo de burgueses, pequeno-burgueses e mesmo proletários que perderam os seus principais pontos de referência. Para frisar apenas este exemplo altamente simbólico, diante da pandemia Covid 19, estamos reaprendendo que o capital de todas as Big Pharma, da qual todos nós dependemos de facto e de jure, é detido por fundos de investimento, fundos de pensão particularmente vinculados a empresas industriais cujos principais ativos são patentes simples. No entanto, neste caso específico, esta hiperburguesia, que pode ser equiparada de facto às finanças, não tem nenhuma intenção de ceder os seus direitos e os seus lucros. Enquanto tudo poderia contribuir para a quebra de patentes de vacinas anti-Covid, em um alinhamento planetário quase perfeito, o capital pretende priorizar o tradicional retorno do investimento, surdo ao interesse geral e com o apoio de Estados como a França de Macron. Qualquer contrarrevolução, por simples conservadorismo, depende primeiro de uma classe dominante zelosa de seus direitos e interesses.

Esse poder da hiperburguesia contemporânea se duplica, ainda seguindo o mesmo exemplo da atual pandemia, com um amplo controle das mídias e, portanto, das consciências. Assim, elas podem vencer esta batalha ideológica permanente contra a revolução e a contrarrevolução e convencer a opinião pública de que, somente as empresas farmacêuticas globalizadas estão em condições de produzir essas vacinas aos bilhões. Elas conseguem essa façanha de fazer crer que são as únicas que possuem, contra todas as evidências, esse know-how e esse tecnicismo. Sem nada prever, pode-se temer que, nesta batalha ideológica, a hiperburguesia, contrarrevolucionária por interesse, tenha participação facilitada e que a derrota ideológica de seus adversários seja inevitável. Estas grandes empresas farmacêuticas conseguem, assim, de forma pouco crível, fazer com que as populações escravizadas paguem três vezes mais por estas vacinas (pelos subsídios públicos à investigação pública e à criação de empresas que tenham descoberto os tratamentos), por subsídios à produção e pelos sistemas previdenciários (quando existentes) que reembolsam essas vacinas. Esta atual derrota ideológica das "forças revolucionárias" é um problema sério.

Certamente devemos acrescentar, o que os "revolucionários" muitas vezes se recusam a ouvir, que o capitalismo sempre desenvolve mais ou menos as forças produtivas, que os comunistas chineses entenderam (acreditando poderem, além disso, sem danos, "cavalgar o tigre" e, portanto, associar-se sobretudo com o capital nacional ou estrangeiro). Os recentes



booms mais ou menos espetaculares nos países emergentes e, mais perto de nós, nos ex-países europeus socialistas (os PECO, países da Europa Central e Oriental), amanhã na África, estão ajudando a ancorar a ideia de que capitalismo = crescimento = aumento dos padrões de vida. Muitas vezes esquecemos o que Marx entendeu, ou seja, que uma formação social não desaparece até que tenha exaurido sua capacidade de revolucionar o mundo.

A contrarrevolução aqui assume, portanto, o aspecto de uma busca cega, mas egoisticamente interessada, do desenvolvimento capitalista dos territórios atrasados. Mais sério, mas com a mesma lógica, em toda parte está progredindo a mercantilização do mundo, a busca por novos setores que possam reabastecer o caixa eletrônico. Ainda na França, a destruição paciente e programada dos serviços públicos abre caminho para a privatização da educação e da saúde, já concluída a dos transportes, da energia e até dos Correios! Nada parece, aparentemente, ser capaz de parar este processo "contrarrevolucionário"! A Previdência social é ameaçada por todos os lados, enquanto o estatuto dos funcionários públicos é abertamente questionado. Porém, neste quadro sombrio, fonte de possível desespero, enquanto a adesão, *nolens volens*, das populações ao mercado capitalista era quase geral no século XX (e sua contestação em geral minoritária), observamos, na França, uma rejeição crescente, no início do século XXI, dessa sociedade perto do seu final. O elemento relativamente novo é que, diante da explosão das desigualdades e da corrupção generalizada, cisão observada entre as "elites" e "os franceses" torna-se evidente, causando retrocessos nas práticas democráticas (abstenções recorde nas últimas eleições locais), ultra preocupante degradação do clima geral com o aumento da desobediência civil (ou das incivildades), como aconteceu com o recente movimento dos *coletes amarelos* (que claramente fez vacilar, por um tempo, o poder político pego de surpresa), causando a ascensão dos autoritarismos e o processo de neofascistização das sociedades (o que a mídia chama, em termos enigmáticos, de *iliberalismo!*).

Um dos símbolos desta tendência da sociedade francesa é a ascensão contínua da Frente Nacional, transformada em Rassemblement National (União Nacional) (para tentar uma operação impossível de desdemonização do lepenismo)¹³, uma parte interessada nesta ativa contrarrevolução ultraconservadora que, paradoxal e contraditoriamente, é uma das principais

¹³ Referente a Jean Marie Le Pen, ex-líder da ultradireita francesa, do Front National.



manifestações da contestação de um "sistema" odiado. É notável, e terrível notar, que essa tendência neofascista se multiplica em todo o mundo, como se esses "contrarrevolucionários" estivessem tentando, em última instância, mesmo à custa do risco de latentes guerras civis (que, de fato, já ocorrem), para repelir o inevitável e necessário superconsumismo do fim do capitalismo globalizado. Muito contraditoriamente, convém analisarmos, a suposta direitização da população francesa, que associa estreitamente a contestação fundamental ao "sistema" e uma busca irracional por alguma autoridade protetora capaz de preservar os poucos direitos restantes. Somos, então, atingidos pela mudança abissal entre a crise terminal de um capitalismo sem fôlego, que precisa urgentemente revolucionar o mundo, e o endurecimento contrarrevolucionário conservador e, portanto, mais ou menos massivo dos indivíduos, logicamente mantido pelo capital.

O mundo de hoje, unido por uma história cada vez mais universal, está ameaçado quadruplicamente pela falência simultaneamente econômica, social, ambiental e política.

O capitalismo globalizado, privatizando os frutos do trabalho sem mais nenhuma legitimidade econômica, provocou, através da privatização dos lucros e da socialização das perdas, a explosão abismal do endividamento (dos estados, das autoridades locais, das empresas privadas e dos indivíduos). A falência, já evidente durante a crise dos subprimes de 2008, só foi evitada à custa da injeção irresponsável de trilhões de dólares, sem outro objetivo que a simples sobrevivência do "sistema". A especulação desenfreada, afastada das possibilidades de novos lucros, preferindo confiar o seu capital a bancos centrais que, no entanto, oferecem taxas negativas, ameaça de colapso geral o atual castelo de cartas. A volta da inflação, hipótese provável e já posta, pode provocar uma elevação das taxas de juro e, assim, como em 2008, ter consequências difíceis de medir e com certeza cataclísmicas.

As sociedades, exauridas por décadas de austeridade e intensificação do trabalho, fragilizadas pela precarização generalizada, pelo trabalho excessivo e pelos suicídios, pelas doenças ocupacionais e agora pelas pandemias, estão à beira da implosão e do enfrentamento civil generalizado. O envelhecimento prolongado das populações abre o caminho indigno, de forma velada, para o sacrifício dos idosos (que morreram na França, durante a pandemia, em condições atroz) enquanto os mais jovens já não têm perspectiva. Existem infinitos dramas surgindo no curto prazo.



Apesar das dúvidas habilmente mantidas, os repetidos desastres naturais, ligados mais ou menos diretamente ao aquecimento global geral, apontam para desastres planetários que já são irreversíveis. Eles podem provocar, na ausência de uma conscientização rápida, conflitos internacionais formidáveis, já conformando pretexto para um rearmamento massivo.

Conclusão

326

Diante de tantos riscos, em grande medida já existentes, as classes dominantes, contrarrevolucionárias em essência, fortes na legítima certeza de seus interesses egoístas, arrastando consigo alguns de nossos concidadãos encerrados em seus confortos pequeno-burgueses de curta visão, multiplicam ataques às liberdades democráticas, pressa autoritária impetuosa, fecham os olhos para desvios mais claramente ditatoriais e "iliberais", perigosamente reminiscentes dos anos trinta. Nesse exercício, um governo Macron-Castex acaba sendo o pior arquiteto imaginável, entre os republicanos em princípio inocentes, de desvios antidemocráticos. As forças armadas, rompendo o silêncio, voltam a ser possíveis atores para garantir a ordem burguesa.

Neste contexto desesperador e fonte de fatalismos, é vital hoje, porém, tomar consciência, de forma totalmente contraditória, dessas potencialidades revolucionárias (mencionadas acima) e também daquelas que são "contrarrevolucionárias", para medir responsabilmente os riscos muito graves que acarretam. Ainda temos escolha? Isso requer, para qualquer revolucionário ciente do momento histórico e dramático que estamos vivendo, como o único resultado (como sugerido por Lucien Sève e eu, em nosso livro "*Capitalexit ou catástrofe*")¹⁴, promover a consciência dessas possibilidades e riscos e para provocar a interferência dos cidadãos em todos os níveis da vida social, para treinar os indivíduos para serem capazes de autogoverno, mesmo às custas da desobediência civil, que é inevitável a longo prazo, e para reinventar as estruturas democráticas de governo. Esta é a tarefa revolucionária definitiva hoje. É nisso que a

¹⁴ Jean Sève, Lucien Sève, *Capitalexit ou catastrophe*. Entretiens, Paris, La Dispute, 2018.



associação de *Iniciativas Capitalexit*¹⁵ na França está decididamente comprometida, tentando criar grupos temáticos eficazes em seus próprios campos, apoiando-se nos já inúmeros grupos temáticos existentes, mas impregnando-os da dimensão essencialmente revolucionária e pós capitalista. Mas, na escala dos problemas contemporâneos, qualquer processo revolucionário digno desse nome deve ser pelo menos continental, idealmente planetário.

Não é hora de formar, agora, face a esta hiper-burguesia globalizada, que inevitavelmente nos conduz à parede, uma Internacional de um novo tipo que visa a superação do capitalismo e a reapropriação pelos cidadãos dos seus meios de produção intercâmbio. Isso tem sido, à sua maneira, antiglobalização, mas sem o objetivo claramente declarado e compartilhado do pós capitalismo.

Recebido em 25 jun. 2021 | aceite em 30 jun. 2021.

Anexo

Manifesto do *Capitalexit*: Engajar-se sem demora para sair do capitalismo

A França entrou em estado de revolta. Um enorme "não agüentamos mais" está surgindo do hospital e da escola, da oficina e da enfermaria, do subúrbio e da fazenda, dos aposentados e dos jovens. Uma revolta? Não, senhor, uma revolução - uma revolução de um tipo nunca antes visto na agenda. Porque os sofrimentos infligidos às mulheres e aos homens pelo neoliberalismo já choram demais. Porque o desperdício agora ultrapassa qualquer limite. Porque a ameaça de colapso ecológico, antropológico, político e até econômico é colossal, iminente. Um poderoso "não queremos mais" precisa ser construído com urgência e as tentativas se multiplicam. A tragédia é que, salvo exceções, não chegam a questionar o que nos condena ao insuportável: um capitalismo que enlouqueceu ao ponto de um desastre

¹⁵ Vide in <https://capitalexit.org> seu Manifesto de lançamento, vide anexo versão traduzida.



extremo. No entanto, você não pode curar os sintomas, você tem que lidar com a própria doença.

Isso é o que define o objetivo original das *Iniciativas Capitalexit* (IC)¹⁶: ajudar a garantir que a impressionante, mas urgente tarefa de acabar com o capitalismo, de iniciar a marcha em direção a uma sociedade onde nosso destino deixará de estar absurdamente subordinado aos interesses egoístas de uma pequena minoria. Tarefa enorme, mas não temos escolha. E iniciar a saída do capitalismo torna-se visivelmente não fácil, mas possível. Os meios materiais e intelectuais de resolver no interesse geral nossos pesados problemas de hoje e de amanhã estão crescendo rapidamente. Muito pouco ainda, mas cada vez mais, a consciência e a responsabilidade individual e coletiva estão se desenvolvendo. É aí que está a semente decisiva de um pós capitalismo viável e desejável.

Para que forma concreta de sociedade mais humana se deve ir, somente o debate público terá que decidir a cada passo democraticamente arbitrado entre cidadãos e cidadãos construindo este novo mundo. Mas podemos dizer com segurança que funcionará para implantar nosso poder de intervir e decidir juntos em todas as áreas onde o mundo é moldado e nossas vidas são determinadas. Ao generalizar a nossa apropriação comum e direta dos meios de produção e troca, acabará com a propriedade lucrativa e garantirá o nosso direito individual e coletivo de uso da propriedade¹⁷ - assim poderemos determinar por nós mesmos as condições, meios e propósitos do nosso trabalho. Ao preferir a cooperação à mercantilização, se empenhará em combinar a satisfação das necessidades sociais, o respeito pela natureza e a realização das pessoas. Ao fazer da política uma competência compartilhada, isso nos permitirá ter uma participação real na conduta do poder público. Isso é tudo que Marx pretendia sob o nome de comunismo. Já passou o tempo de meias medidas: transformar pessoas para sempre e mudar vidas é a decisão urgente pela qual todos nós devemos ser responsabilizados. Compartilhar essa convicção amplamente é a primeira tarefa I.C.

Que devemos sair do capitalismo sem demora, a ideia está começando a se espalhar de forma impressionante. Mas como isso vai ser

¹⁶ O neologismo *Capitalexit* foi retirado do livro de entrevistas: *Jean et Lucien Sève, Capitalexit ou catastrophe, La Dispute, 2018.*

¹⁷ A propriedade é lucrativa, cujo único propósito é obter lucro privado com a propriedade possuída. Um termo costumeiro é aquele que confere a seus titulares o direito exclusivo de usar essa propriedade para o benefício comum.



feito? Muitos se perguntam com perplexidade, até ansiedade. Os vários caminhos que deveriam conduzir até lá foram historicamente invalidados. A conquista insurrecional do poder por uma minoria ativa resultou instavelmente em autoritarismo junto com burocratismo que impede a emancipação geral almejada. A ascensão democrática à liderança do estado por eleição quase sempre se mostrou recuperável pelo capital, e mesmo internamente conquistada para sua causa até uma verdadeira traição aos compromissos assumidos com o povo. Quanto às preciosas tentativas de dar vida a alternativas no campo, se concretizam possibilidades emancipatórias, nenhuma conseguiu criar um equilíbrio de poder capaz de impor alguma grande transformação social.

É um novo caminho que deve ser inventado, com base neste novo fato crucial: enquanto o capitalismo tende a nos privar de todo o poder sobre nossas vidas, uma sociedade sem classes e sem dominações a construir pode atender às aspirações do maior número de pessoas. Visa a apropriação coletiva de bens, saberes e poderes. Deve, portanto, surgir de uma revolução democrática conduzida e dirigida por esta imensa maioria que constitui os despossuídos em todas as suas diferenças. É engajar-se em um intenso empreendimento de convicção nesta direção, batalha de ideias e correspondentes iniciativas práticas ativas agora para transformar concretamente a vida social e fazer pouca resistência à demanda por reformas revolucionárias, ou seja, a mudanças essenciais que tomem força de lei. Uma verdadeira mudança de época.

Muitos esforços estão surgindo nessa direção, geralmente com pouco ruído da mídia. Trata-se de torná-lo um processo torrencial e envolvente, uma evolução revolucionária varrendo todas as defesas de um sistema sócio-político desqualificado. Quem não sente? Estamos em um ponto de inflexão na história humana. O pior é possível, até o desaparecimento cataclísmico de toda a civilização. O melhor está ao nosso alcance, no entanto, se em grande número o tornarmos inevitável. É nessa perspectiva que I.C. deseja se inscrever inventivamente.

O desenvolvimento revolucionário não pode ser decretado, mas é de grande importância que possa ser sabiamente pilotado. Portanto, exige uma organização apropriada. Nem o partido vertical, uma equipe contraproducente para a tomada de iniciativa cidadã responsável da qual tudo dependerá, nem o movimento horizontal cuja coerência está suspensa ao poder de um líder carismático. Ativar poderosamente a desejada batalha revolucionária estimula a formação de uma vasta rede sustentável de



coletivos temáticos, cada um trabalhando em total domínio para desenvolver e promover uma transformação precisa na troca de opiniões e experiências com outros coletivos do mesmo objeto, coordenação necessária do todo sendo o trabalho de uma centralidade horizontal não diretiva operando sob constante democracia maioritária.

É para iniciar a formação de tal tecido de coletivos que o coletivo provisório de animação do CI trabalha e pede. A malha a ser tecida não tende a competir com nenhuma organização ou iniciativa amigável, e a militância na I.C. não é exclusiva de qualquer outro fim compatível. O objetivo é agregar a tudo o que seja útil no sentido emancipatório, um motor de consciência e iniciativa com vocação expressamente pós capitalista, revolucionário no sentido inovador do termo. A vinda para o trabalho não exige vestibular, apenas a firme adesão à tarefa aqui definida e o compromisso moral de respeitar sempre a democracia maioritária. Os membros do coletivo provisório de I.C. Eles próprios têm afinidades e culturas políticas diversas e não concordam em tudo. A I.C. não é sinônimo de nenhuma velha ou nova ortodoxia, mas sonha com nossos olhos bem abertos para nos opormos ao drama sem nome em que corremos na busca por um resultado estimulante que é finalmente candidato ao sucesso.

Paris, 2021.

